

DOMÍNIOS CULTURAIS E FUNÇÃO POÉTICA COMO CONDICIONANTES DA ADAPTAÇÃO DENTRO DA TRADUÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE “ADAPTAÇÃO”

Heloísa Pezza Cintrão (Universidade de São Paulo)¹

Adriana Zavaglia (Universidade de São Paulo)²

RESUMO: *Abordaremos a relação entre tradução e adaptação distinguindo entre dois usos do termo “adaptação”: um projeto global de produção de texto; um procedimento estratégico localizado. Partindo dessa diferenciação, apontaremos que há características textuais que favorecem a opção pela adaptação como procedimento localizado, dentro de projetos globais que não são de adaptação. Alguns casos selecionados ilustrarão duas situações típicas que conduzem à adaptação localizada quando se almeja obter equivalência funcional em projetos globais de tradução: (i) a predominância da função poética; (ii) a referência a domínios culturais específicos (ecológico, social, material e ideológico).*

PALAVRAS-CHAVE: *adaptação local, adaptação global, modalidades tradutórias, função poética, domínios culturais*

1. Perspectivas sobre o conceito de adaptação: adaptação global e local

Nos estudos de tradução, o conceito de “adaptação” é multifacetado. Seria demasiado ambicioso pretender oferecer aqui uma resposta definitiva à antiga e complexa discussão sobre a fronteira existente ou inexistente entre tradução e adaptação. No entanto, discutindo o apagamento dessa fronteira, ou seja, a visão da tradução como obrigatoriamente uma adaptação, sustentaremos que, embora qualquer tradução implique necessariamente certo volume de mudanças e deslocamentos de sentido, pareceria útil para os estudos de tradução considerar que, dependendo do projeto do tradutor, ou todo o texto traduzido poderá ser uma adaptação, ou pontos específicos serão adaptações. Em cada um dos casos, tanto os motivos que levam a adaptações quanto os resultados desse procedimento no produto final guardam entre si importantes diferenças. Num grande número de casos, a adaptação pontualmente aplicada a uma palavra ou um sintagma de pequena extensão serve a projetos de tradução bastante literais, e não a projetos de adaptação global.

Essa distinção da qual queremos partir é levada em conta no verbete sobre “adaptação” da *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (Baker 2005), que propõe dois tipos principais de adaptação: a local (*local adaptation*) e a global (*global adaptation*).

A **adaptação local** é aquela restrita a partes isoladas de um texto, que não abrange o produto tradutório em seu conjunto. A *Encyclopedia* aponta duas motivações importantes para recorrer a esse tipo de adaptação: (1) a falta de equivalentes lexicais na língua-meta (muitas vezes no caso do uso de metalinguagem) ou (2) um contexto referido no original que não existe na cultura-meta. Esse tipo de adaptação é uma técnica localizada, motivada por fatores internos ao texto-fonte, que o tradutor pode aplicar a uma unidade de tradução

¹ Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas, Espanhol. E-mail: helocint@usp.br

² Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas, Francês. E-mail: zavaglia@usp.br

que envolve desencontros e assimetrias entre língua e cultura-fonte vs. língua e cultura-meta. Tipicamente, esse tipo de adaptação caracteriza-se como o que a *Encyclopedia* chama de “equivalência situacional” (*situational equivalence*), definido como a substituição de um segmento alusivo a um contexto estranho por outro que remeta a um contexto mais familiar ao público-meta³.

A **adaptação global**, por sua vez, envolve uma reformulação abrangente, que se aplica ao texto como um todo, e é determinada por fatores externos ao texto-fonte. Um exemplo seria a decisão de traduzir levando a cabo uma mudança de gênero textual (como um romance adaptado para o teatro) ou de público-alvo (como um texto literário dirigido a adultos adaptado para o público infantil). Na adaptação global, a intervenção do tradutor sobre os sentidos e a organização textual é sistemática e implica mudanças mais profundas no texto em seu conjunto. Um dos procedimentos nesse tipo de adaptação seria também o da “equivalência situacional”, como definida acima; nesse caso, porém, ela é aplicada a todo um sistema de unidades do texto-fonte, o que afeta globalmente o produto final, como seria, por exemplo, a decisão de ambientar o texto traduzido num contexto familiar ao público-meta, modificando todo o cenário sócio-cultural do texto-fonte. Mas a adaptação global pode valer-se ainda de outros procedimentos, como omitir toda uma parte do texto-fonte, reduzi-lo ou sintetizá-lo consideravelmente, ou ainda reformulá-lo profundamente, de modo a manter com ele apenas vínculos no âmbito de seu núcleo semântico essencial, de estrutura de idéias ou de função.

Neste texto, consideraremos a adaptação como um fenômeno que envolve uma mudança intensa no sentido referencial, a ponto de tocar “perigosamente” no limite da fidelidade ao texto-fonte, fidelidade definitória da tradução. Nesse sentido, mais que uma operação de equivalência, a adaptação poderia ser vista como uma operação de analogia, que trabalha com pontos de contato tênues entre duas grandezas, mais abstratos e parciais do que aqueles percebidos como necessários quando se considera a equivalência como uma operação que deveria manter invariável um sentido referencial (remissão de um significante a objetos ou estados de coisas no mundo).

Provavelmente por essa característica, muitos “historiadores e estudiosos da tradução mostram uma visão negativa da adaptação, tachando o fenômeno de distorção, falsificação ou censura”, como aponta a *Encyclopedia* (p. 6). Para esses autores, a adaptação associa-se à “infidelidade” em tradução.

Para outros, no entanto, a recusa sistemática de se recorrer à adaptação local pode “confinar o leitor num mundo artificialmente ‘estrangeirizante’”, e daí a adaptação ser necessária “exatamente para manter a mensagem intacta” e ser fiel ao sentido pragmático

³ Na *Encyclopedia* são considerados **modos** de adaptação a “modernização” (*updating*: substituição por um elemento mais moderno, quando a distância cultural é diacrônica); a “omissão” do elemento culturalmente estranho (*omission*); a “expansão” (*expansion*: tornar explícita uma informação implícita no original, seja por meio de um acréscimo no corpo do texto, seja por notas de rodapé ou glossário); a “transcrição” (*transcription*: reprodução palavra-por-palavra de parte do texto na língua-fonte, normalmente acompanhada de uma tradução literal) e o “exotismo” (*exoticism*: substituição de trechos contendo gíria, dialeto, *nonsense* por decalques na língua-meta, às vezes marcados com *italico* ou sublinhados). Neste trabalho chamaremos de “adaptação local” apenas o estabelecimento de uma **equivalência situacional** localizada (aplicada a uma palavra ou segmento limitado de texto). Não consideraremos procedimentos como empréstimo, decalque, omissão, explicitação sejam formas de adaptação quando usados para resolver problemas de comunicação causados por assimetrias entre a cultura-fonte e a cultura-meta, menos ainda no caso de procedimentos associados à tradução interlinear e à transcrição, muito próximos do grau zero da tradução (Aubert 1998), uma vez que a adaptação como procedimento localizado dirige-se ao pólo oposto do grau zero.

ou funcional do texto-fonte. É, em grau mais extremo, o que Coseriu (1977) apontava em favor da necessidade de diferenciar a equivalência de **significado** da equivalência de **sentido**, esta última envolvendo um componente situacional e funcional: se, por exemplo, em alemão *guten morgen* se usa como saudação matinal, o equivalente no plano do uso, numa mesma situação em português, não seria “boa manhã” (tradução palavra-por-palavra ou tradução dos significados superficiais das palavras), mas sim “bom dia” (tradução dos sentidos, que envolvem o componente pragmático de “saudação proferida quando duas pessoas se encontram em determinada hora do dia”). Um mecanismo bastante semelhante está em jogo quando um tradutor opta, num conto infantil, por traduzir *pericón* – dança popular argentina – por *quadrilha* – dança popular brasileira –, embora neste último caso o procedimento associativo seja mais abstrato e impreciso do que no caso de *guten morgen* – “bom dia”. Vinay & Dalbernet (1995 [1958], p.39) alertam para o fato de que a recusa de valer-se da adaptação como técnica localizada, nos momentos e lugares em que seria recomendável utilizá-la, pode levar ao estranhamento, e que afeta “não apenas a estrutura sintática, mas também o desenvolvimento das idéias e a forma como são apresentadas em um parágrafo”.

A questão mostra sua complexidade quando se leva em conta argumentos contra a adaptação que sustentam que, para um leitor que toma contato com um texto traduzido, interessa fugir da familiaridade, já que está procurando o contato com as diferenças culturais que o texto possa propiciar. Embora tenhamos afirmado que a adaptação local responde a condicionantes internos ao texto e a global a fatores externos, o dilema envolvendo a tradução de elementos culturalmente marcados, e que poderia formular-se em termos dos pólos “estrangeirização” vs. “domesticação”, mesmo em segmentos localizados, só pode ser resolvido em face de fatores externos, relacionados aos motivos da tradução que está sendo feita. Em 1995, Aubert traduz para o português uma seleção de contos folclóricos noruegueses, com a intenção de propiciar o contato do público brasileiro com elementos da natureza e da cultura norueguesas que lhe facilitassem a leitura posterior de clássicos da literatura daquele país, como as obras de Ibsen (cf. Aubert 1995b). Se sua tradução dos contos pretendia transportar o público brasileiro até a cultura norueguesa e familiarizá-lo com suas diversidades, a aclimação cultural de seres imaginários como *tröll* por meio de uma relação analógica com algum ser do folclore brasileiro não se sustentaria como procedimento tradutório adequado à finalidade da tradução.

O fato é que, em casos como o da tradução de *tröll* ao português, diferenças lingüístico-funcionais ou sócio-culturais interferem na relação entre texto-fonte e texto-meta e conduzem a um distanciamento inevitável da “fidelidade”. Se não se faz uma adaptação, o efeito sobre o público de chegada do elemento próprio de uma cultura estranha terá efeito estrangeirizante, e por isso necessariamente diferente do que aquele que tinha para o público original, para o qual resultava familiar. Não se pode dizer, portanto, que emprestar a palavra ou estrutura estrangeira seja mais “fiel” que adaptá-la. A presença desse tipo de assimetria não obriga a adaptar, mas deixa latente a opção, por parte do tradutor, pela adaptação local como solução possível, e difícil de ser considerada menos “fiel” do que a estrangeirização, por ser fiel num nível mais pragmático de equivalência.

2. Adaptação e níveis de equivalência

Quando Coseriu (1977) propôs a diferença entre os níveis do “significado”, da “designação” e do “sentido”, estava apontando a necessidade de diferenciar níveis de

equivalência. Antes dele, Catford (1965) havia proposto uma categorização de tipos de equivalência. Halliday (2001), por sua vez, esboçou um modelo de diferenciação de equivalências ao qual dedicaremos algum espaço aqui. O ponto de partida de Halliday é a diferenciação de vários estratos lingüísticos que permitiria conceber a equivalência de várias perspectivas:

[...] equivalência com respeito a quê? Parece ser necessário alguma espécie de tipologia de equivalências que permita atribuir valores diferenciados de acordo com as condições específicas de um determinado caso concreto de tradução. (Halliday 2001: 15)

Halliday (2001: 15) sugere três parâmetros lingüísticos para estabelecer tipos de equivalência: (1) estratificação (*stratification*); (2) nível (*rank*); (3) metafunção (*metafunction*). A **estratificação** é a organização da linguagem em estratos ordenados: o fonético, o fonológico, o léxico-gramatical, o semântico e um ou mais estratos contextuais fora da língua propriamente dita. O **nível** é a organização do estrato formal (fonológico e lexicogramatical) numa hierarquia composicional: por exemplo, orações compostas, orações simples, sintagmas, expressões, palavras e morfemas. A **metafunção** é a organização dos estratos do conteúdo (léxico-gramatical e semântico) em componentes funcionais: o ideacional, o interpessoal e o textual – *grosso modo*, as partes do sistema que têm a ver, respectivamente, com a elaboração/representação da experiência humana (ideacional), com o estabelecimento de relações sociais (interpessoal) e com a criação do discurso (textual).

Tomando por base esses estratos, sustentaremos que a tradução se caracteriza pela predominância de equivalências semânticas, ideacionais e oracionais⁴ quando esses níveis de equivalência não implicarem rupturas drásticas com as equivalências no estrato textual (características de estruturação textual) ou e em estratos contextuais fora da língua propriamente dita (relacionados com estruturas socioculturais). Do contrário, o tradutor terá que decidir entre fazer uma adaptação local abrindo mão das equivalências semântico-ideacionais ou manter essas equivalências às custas de uma estrangeirização (pelo empréstimo, decalque ou explicitação) ou de uma implicitação ou omissão com perda de equivalência contextual e/ou textual. Encarada desse ponto de vista, a adaptação local, é, na verdade, um dispositivo para garantir a “fidelidade” em níveis contextuais e textuais.

Um tipo de adaptação típica pode acontecer quando o tradutor opta por estabelecer equivalências seletivas nos níveis mais altos (manutenção da semelhança de função sociocultural ou de estruturação textual). Isso acontecerá em textos que tenham, no seu sistema geral, uma estrutura textual fortemente marcada pela função poética ou um forte arraigo idiossincrático, como ilustrado nos itens seguintes.

⁴ O próprio Halliday aponta esse tendência hierárquica como funcionamento típico da tradução: “[...] no nível, normalmente a equivalência é mais valorizada nas unidades léxico-gramaticais mais complexas; as unidades mais baixas ficam então isentas (ex.: as palavras podem variar desde que as orações se mantenham constantes). No estrato, de forma semelhante, a equivalência é tipicamente mais valorizada no estrato mais elevado da língua propriamente dita, que é o semântico (aqui, outra vez, os estratos inferiores podem variar); o valor pode ser vinculado explicitamente ao nível do contexto, em especial quando a equivalência num estrato inferior é problemática. Na metafunção, o valor maior pode ser atribuído à equivalência nos domínios interpessoal ou textual - mas normalmente apenas quando a ideacional é garantida [...]” (p. 17)

3. Adaptação local e predominância da função poética

Alguns trechos do conto infantil argentino *Historia de una princesa, su papá y el príncipe Kinoto Fukasuka* (Walsh 2000 [1966]) podem exemplificar casos em que a adaptação local acontece dentro de um típico projeto global de tradução “fiel”, mas no qual o tradutor mostra preocupações de equivalência situacional ou funcional com relação a seu público-meta.

O conto é escrito em prosa em quase toda sua extensão, no entanto, tem sua estrutura textual caracterizada por rimas pontuais, as quais determinam a seleção das palavras no texto. Essa seleção pauta-se no nível do significante, que é preponderante sobre o do sentido. Trata-se de um exemplo do fenômeno que Jakobson chamava de **predominância da função poética** (Jakobson 2001 [1960]), função da linguagem que se caracteriza pela projeção do eixo paradigmático sobre o eixo sintagmático da linguagem, por explorar intencionalmente a materialidade (sons e formas visuais) da língua. Nos trechos rimados de *Historia de una princesa*, a similitude de sons no eixo paradigmático determina a escolha das palavras que são dispostas sequencialmente no texto (eixo sintagmático), e não os princípios combinatórios léxico-sintáticos, como no caso das palavras destacadas nas citações abaixo (Walsh 2000 [1966]):

En esa época las princesas todo lo que tenían que hacer era quedarse quietitas. Nada de ayudarle a la mamá a secar los platos. Nada de hacer mandados. Nada de bailar con abanico. Nada de tomar naranjada con pajita. **Ni siquiera ir a la escuela. Ni siquiera sonarse la nariz. Ni siquiera pelar una ciruela. Ni siquiera cazar una lombriz.** Nada nada nada. Todo lo hacían los sirvientes del palacio. (p. 19. Destaque nosso)

[...] si una princesa no se queda quieta quieta quieta como una galleta en el imperio habrá una pataleta. (p. 22)

—La princesa está de jarana, donde se le da la gana. (p. 23)

Los dos llegaron al templo en monopatín y luego dieron una fiesta en el jardín, una fiesta que duró diez días y un enorme chupetín. (p. 25-6)⁵

Essas rimas têm vínculos com o público infantil ao qual o texto é dirigido. Na tradução desse texto para o português brasileiro, imitam-se, por um lado, as rimas típicas da linguagem do universo infantil, como *foi para a roça, perdeu a carroça, quem cochicha o rabo espicha, come pão com lagartixa*, etc. Por outro lado, gera-se um texto com um componente poético e lúdico, capaz de tornar a leitura mais divertida e interessante para a criança. Se o fator determinante na seleção das palavras envolvidas nas rimas desse texto não é seu sentido superficial (significado), para uma tradução também dirigida a um público infantil que pretenda manter função similar à do original, a equivalência com maior valor hierárquico seria aquela estabelecida no nível da função poética, que, neste caso,

⁵ Traduções do sentido dos trechos rimados: "Nem sequer ir à escola. Nem sequer assoar o nariz. Nem sequer descascar uma ameixa. Nem sequer caçar uma minhoca." // "Se uma princesa não ficar quieta quieta quieta como uma bolacha, no império haverá um bafafá" // "A princesa está na farra, onde lhe dá na veneta" // "Os dois chegaram ao templo de patinete e depois deram uma festa no jardim, uma festa que durou dez dias e um enorme pirulito".

supõe uma equivalência no nível fonético, e não no ideacional. Essas características justificariam as seguintes traduções:

Nem sequer ir para a escola. Nem sequer assoar o nariz. Nem sequer picar carambola. Nem sequer escrever com giz.

[...] se uma princesa não ficar parada parada parada que nem marmelada o império vira uma bagunça danada.

— A princesa está na gandaia, fora da barra da sua saia. (p. 23)

Os dois chegaram ao tempo de patim e depois deram uma festa no jardim, uma festa que durou dez dias e um baita de um quindim.

Usando o método das modalidades de Aubert (1998) para quantificar os procedimentos de tradução usados em todo esse texto, numa tradução em que se optou por fazer adaptações locais nos fragmentos rimados, chegamos aos seguintes números.

	Omissão	Transcrição	Empréstimo	Decalque	Tradução Lit.	Transposição	Explicitação	Implicitação	Modulação	Adaptação	Erro	Total
N. total	0	9	2	0	623	160	0	4	62	12	0	872
Porcentagem	0	1	0,2	0	71,4	18,3	0	0,5	7,1	1,4	0	100

A ampla dominância quantitativa de procedimentos de tradução literal e transposição no conjunto do texto evidencia que a adaptação local não aconteceu nesse texto em dimensões e quantidades suficientes para caracterizar uma adaptação global. Na verdade, trata-se de uma tradução bem típica, com claras intenções de fidelidade à sequência de palavras, orações e sentidos do texto-fonte, o que demonstra que não se pretendia modificar amplamente o texto e não se tinha a intenção de adaptá-lo globalmente, mas apenas localmente, em momentos de predominância da função poética, em segmentos isolados do texto.

4. Adaptação local e referência a domínios culturais específicos

Para observar a adaptação local motivada pela referência a domínios culturais, fizemos uma varredura na *Encyclopedia* (Baker 2005) considerando o sumário dos capítulos e o índice remissivo da obra. Interessante notar, apesar da grande importância que representa para os Estudos da Tradução, que o vocábulo *cultura* não ocupa lugar de destaque num volume dedicado especialmente à terminologia atual da tradução sob diversos pontos de vista. A menção ao termo se faz pontualmente em sete momentos:

- (1) por Vermeer, no verbete “Didáticas da Tradução” (p. 60-63), dentro do domínio da abordagem funcional;
- (2) por Baker & Hochel, em “Dublagem” (p. 74-76), subitem “Restrições culturais na dublagem” (p. 76), sobre questões culturais, domesticação e estrangeirização;
- (3) por Robinson, no verbete “Tradução Literal” (p.125-127), a propósito de unidade formal e fronteiras culturais;
- (4) por Fawcett, em “Ideologia e Tradução” (p.106-111), sobre a motivação ideológica nas escolhas tradutórias, que conduz à estrangeirização ou à domesticação, com estereotipações negativas ou positivas;

(5) por Fawcett no verbete “Abordagens Lingüísticas” (p.120-125), subitem “Aplicando os achados da lingüística à tradução”, com respeito aos problemas da tradução que derivam em sua maioria de incompatibilidades culturais;

(6) por Baker (p.280), em “Estudos da Tradução”, subitem “Estudos da tradução e outras disciplinas”, em que cita os mais recentes estudos culturais da tradução, sem, porém, detalhá-los;

(7) por Evans, em “Metáforas de tradução” (p.149-153), que, embora concentre-se muito mais que os outros autores na questão cultural, aborda o tema ainda de forma periférica.

A questão cultural, uma das peças-chave de toda a problemática relacionada à tradução, seja ela abordada pela lingüística, pela literatura, pela filosofia ou qualquer outra disciplina, ainda não é objeto central de reflexão para os estudiosos da área, como demonstrado anteriormente pelas poucas referências ao termo na *Encyclopedia* e pelo fato de não ter sido escolhida como entrada de um de seus verbetes. Essa realidade talvez esteja relacionada à própria dificuldade de identificação de contornos preponderantemente culturais no processo tradutório textual. Tal dificuldade mostra-se claramente quando se pretende trabalhar com lexias culturalmente marcadas que remetam a domínios culturais específicos, o que parece atrelar-se de forma estreita ao recurso da adaptação local no âmbito das equivalências seletivas em níveis mais altos. Para trabalhar essa questão, faremos referência neste artigo a um *corpus* paralelo (originais em português e traduções em francês) culturalmente marcado (CCM) elaborado durante o desenvolvimento de um projeto de pós-doutorado (FAPESP/proc. 02/13435-0), o qual constitui-se das seguintes obras:

OBRA	nº palavras (port.)	nº palavras (fr.)	Total
Sagarana	105.384	124.907	230.291
Macunaíma	44.013	65.016	109.029
Sertões	155.599	194.147	349.746
Tereza Batista	174.648	124.648	299.296
Total	479.644	508.718	988.362

Utilizamos primeiramente parte desse *corpus* para efetuar um tratamento textual manual, com a finalidade de acompanhar longitudinalmente determinadas unidades léxico-gramaticais recorrentes que pareciam ser fortes candidatas a marcadores culturais (como, por exemplo, “capanga”). Num primeiro momento, cerca de 1.000 lexias candidatas foram detectadas. Levando em consideração o seu co-texto e contexto, elas foram distribuídas por modalidades tradutórias (Aubert 1998) e por domínios culturais (Nida 1945; Aubert 2003). Estes últimos subdividem-se em:

domínio ecológico – termos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do termo não implique que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alterações pela ação voluntária do homem: “urubu”, “juazeiro”, “chuva de caju”, “chapadão”, “vereda”, etc.;

domínio da cultura material – termos que designam objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas: “maloca”, “gibão”, “cachaça”, “mungunzá”, “aboiado”, “chácara”, “samba”, “vaquejar”, etc.;

domínio da cultura social – termos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam essas relações, inclusive atividades lingüísticas: “jagunço”, “tupi”, “apadrinhar”, “coronel”, “pai-de-santo”, “repentista”, “concessão de sesmarias”, etc.;

domínio da cultura ideológica – termos que designam seres, objetos e eventos pertencentes a sistemas de crenças, inclusive sistemas mitológicos, as entidades espirituais tidas como fazendo parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades: “mula-sem-cabeça”, “Ogum”, “encantado”, “benzedura”, etc. (Cf. Aubert, 2003, p.160).

Para fazer esse acompanhamento e registrar as unidades, utilizamos o programa *Access*, do *Windows*, contando com os seguintes parâmetros: lema, ocorrência, página do original e página da tradução, tradução, contexto, domínio, modalidade, observação. Uma ocorrência como “capanga”, por exemplo, foi assim registrada:

Lema	Ocorrência	Página	Equivalente	Cont.	Domínio	Modalidade	Obs.
capanga	Capanga	348/229	musette	-	material	trad.lit.	-
capanga	Capangas	373/351	Hommes de main	-	social	adapt.	-

Em seguida, efetuamos no *corpus* um tratamento textual pelas ferramentas da lingüística de *corpus*, com o auxílio do programa *WordSmithTools* e do *corpus* de referência (CR) do português brasileiro *Lácio-Ref*⁶ para levantar as *wordlists* de cada um dos textos e as suas conseqüentes listas de *keywords*. Ao analisar tais listas, percebemos que entre a freqüência de ocorrência de uma lexia em um *corpus* culturalmente marcado e a de ocorrências da mesma lexia em um *corpus* de referência de português padrão havia uma relação que poderia tornar-se um critério para identificar marcadores culturais. A hipótese que as análises e seus resultados sugerem é a de que quanto maior a ocorrência de determinada lexia no CCM e menor a sua ocorrência no CR, mais chances ela tem de ser culturalmente marcada. A partir desses parâmetros, outras lexias mostraram-se candidatas a marcadores culturais, como por exemplo “jagunço” (domínio cultural social), que ocorreu 130 vezes no CCM e apenas 5 vezes no CR.

No decorrer do registro, percebemos também que havia algumas unidades que, além de apresentarem uma maior variedade de traduções, também oscilavam entre os diversos domínios e modalidades, como por exemplo “chácara” (domínio cultural material): *verger* (adaptação), *ferme* (adaptação), *propriété* (modulação) ou “caatinga” (domínio cultural ecológico): *caatingas* (empréstimo), *brousse* (adaptação).

Observamos que a causa das oscilações nas classificações pautava-se na ausência de critérios para definir e estabelecer uma lexia culturalmente marcada. Mesmo que ainda experimental, elaboramos um outro critério, desta vez qualitativo, que pudesse cumprir o papel de balizador para a identificação de marcadores culturais, ao qual demos o nome de *referencialidade* (cf. Aubert & Zavaglia 2007). Entendemos tal critério como a articulação, pelos sujeitos enunciadorees do texto-fonte e do texto-meta, entre uma representação textual e uma representação nocional cuja relação pode ser forte, pela pouca variação semântica da lexia no texto fonte e pela ausência de ancoragem referencial na cultura-meta, ou fraca, por

⁶ Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/lacioweb/index.htm>>

uma variação semântica mais marcada no texto fonte e pela efetiva ancoragem referencial na cultura-meta.

Desse modo, a relação tradutória entre “rapadura” e *cassonade* foi entendida da seguinte maneira:

Rapadura	Referencialidade fraca: referente da língua/cultura-fonte com um correspondente parcial na língua/cultura-meta ⇒ adaptação simples no domínio da cultura material (se houvesse <i>cassonade</i> em forma de tijolo ⇒ tradução literal).
----------	---

Percebemos também, no decorrer dessas análises, que quanto mais forte fosse a referencialidade de uma lexia (correspondência nula ou parcial entre referentes da língua/cultura-fonte com intersecção parcial de sentidos), mais chances ela teria de aparecer adaptada numa tradução; quanto menos forte fosse a referencialidade (correspondência modulada entre referentes), mais modulado seria o termo.

Ao entrecruzarmos os resultados da análise de *corpus* (CCM vs. CF) – pelo parâmetro das frequências das lexias por *wordlist* e *keywords* – e aqueles da análise mais propriamente tradutológica – pelo critério da referencialidade –, a quantidade de lexias candidatas a marcadores culturais diminuiu de cerca de 1000, do levantamento inicial, para 164. Destas, 414 ocorrências foram analisadas. A partir dessas ocorrências, fizemos um levantamento quantitativo de modalidade e de domínio para cada uma delas, cujo resultado apresentamos no quadro abaixo:

Domínio	Omissão	Transcrição	Empréstimo	Decalque	Tradução Lit.	Transposição	Explicitação	Implicação	Modulação	Adaptação	Erro	Total
Social	0	0	5	3	3	1	4	0	5	93	1	115
Material	0	0	45	3	3	1	2	0	15	64	1	134
Ideológico	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	0	3
Ecológico	0	0	44	30	15	2	6	0	28	25	12	162
Total	0	0	95	36	21	4	12	0	48	184	14	414

Com relação ao total de ocorrências classificadas por domínios e modalidades, percebe-se que do total (414) de ocorrências de lexias candidatas a marcadores culturais no entrecruzamento do parâmetro da frequência e do critério da referencialidade, as ocorrências classificadas como adaptações distribuem-se em 22,46% (domínio social), 15,45% (material), 0,48% (ideológico) e 6,03% (ecológico). Na relação entre total de adaptações (184 ocorrências) e total de adaptações de cada domínio, temos o seguinte resultado: 50,54% de adaptações no domínio social, 34,78% no material, 1,08% no ideológico e 13,58% no ecológico. Considerando o total de ocorrências classificadas em cada domínio (115 no social, 134 no material, 3 no ideológico e 162 no ecológico) e as adaptações de cada domínio, são adaptações 80,86% das ocorrências que remetem ao domínio social, 47,76% daquelas que se referem ao material, 66,66% ao ideológico e 15,43% ao ecológico.

A partir dessas três leituras do quadro anterior, pode-se dizer qualitativamente que: (1) embora a maior parte dos marcadores culturais identificados refira-se ao domínio cultural ecológico, a adaptação ocupa o quarto lugar em número de ocorrências nesse domínio, atrás do empréstimo, do decalque e da modulação, nessa ordem. Além disso, o

domínio ecológico apresenta poucas ocorrências de adaptações com relação ao total geral das modalidades e ao total específico de adaptações; (2) há raras ocorrências de marcadores culturais classificadas no domínio ideológico e, apesar de a porcentagem de adaptações na leitura do total parcial desse domínio ser significativa, sua importância parece ser pequena com relação às outras duas leituras; (3) os domínios culturais material e social apresentaram uma significativa porcentagem de ocorrências de adaptação com relação às três leituras, o que pode indicar que a adaptação local para resolver problemas tradutórios relacionados a esses dois domínios culturais seja o recurso mais recorrente.

5. Considerações finais

No caso do conto *Historia de una princesa*, a ampla dominância quantitativa de procedimentos de tradução literal e transposição no conjunto do texto evidencia que a adaptação local não aconteceu nesse texto em dimensões e quantidades suficientes para caracterizar uma adaptação global. Na verdade, trata-se de uma tradução típica, com claras intenções de fidelidade à sequência de palavras, orações e sentidos do texto-fonte, o que demonstra que a tradução não pretendia modificar amplamente o texto e não tinha a intenção de adaptá-lo globalmente, mas apenas localmente em momentos de **predominância da função poética** em segmentos isolados do texto. De fato, a totalidade de ocorrência de casos de adaptação local na tradução daquele texto relacionava-se às palavras envolvidas em relação de rima no texto.

Do mesmo modo, com relação ao número total de palavras do *corpus* analisado no subitem 4 (cerca de 1 milhão de palavras), os resultados demonstram que, quantitativamente, a adaptação não se faz, naquele conjunto de textos, como um projeto global, mas, pelo contrário, como uma estratégia local à qual os tradutores recorrem para resolver **problemas culturais específicos** entre texto-fonte e meta, para traduzir lexias que representam elementos dos domínios ecológico, soacial, ideológico e material.

Ao examinar de perto casos como os expostos neste trabalho, é possível sustentar que, dentro de projetos globais de tradução, a presença de lexias culturalmente marcadas e de trechos com dominância da função poética no texto-fonte permite prever, com algum grau de probabilidade, a opção pela adaptação local dentro de uma tradução típica.

Nesse sentido, os dados apresentados reforçam a relevância, para os estudos de tradução, de insistir na diferenciação entre adaptação global e adaptação local, já que a primeira supõe uma contraposição à noção de “tradução”, enquanto que a segunda não apenas é perfeitamente compatível com o que se percebe como tradução típica, como muitas vezes contribui para aumentar o grau de equivalência funcional e contextual nesse tipo de tradução, ou seja, aumentar sua “fidelidade” ao texto-fonte nos estratos mais elevados de equivalência.

Referências Bibliográficas

AUBERT, Francis Henrik. Traduzindo as diferenças extra-lingüísticas. Procedimentos e condicionantes. **TradTerm**, São Paulo, v. 9, p. 151-172, 2003.

_____. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, 1, p. 99-128, junho 1998.

_____. Desafios da Tradução Cultural. As Aventuras Tradutórias do Askeladden. **TradTerm**, São Paulo, v. 2, p. 31-44, 1995a.

_____. (Org. e Trad.). **Novas aventuras de Askeladden**. São Paulo: EDUSP, 1995b.

AUBERT, Francis Henrik; ZAVAGLIA, Adriana. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida. In: DUARTE, Leila Parreira et al. **Veredas de Rosa III**. Belo Horizonte: PUC Minas, Cespuc, 2007. p. 302-309.

BAKER, Mona (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London / New York: Routledge, 2005.

CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada**. Trad. do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da PUC-Campinas. São Paulo/Campinas: Cultrix/PUC, 1980 [1965].

COSERIU, Eugenio. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: **El hombre y su lenguaje**. Trad. Marcos Martínez Hernández. Madri: Gredos, 1977. p.214-239.

HALLIDAY, M. A. K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, Erich; YALLOP, Colin (Ed.). **Exploring translation and multilingual texts: beyond content**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18.

JAKOBSON, Roman. Aspectos lingüísticos da tradução. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001 [1959]. p.63-72.

JAKOBSON, Roman. Lingüística e Poética. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001 [1960]. p.118-162.

NIDA, Eugene. Linguistics and ethnology in translation problems. **Word**, s.l., v.1.2, p.194-208, 1945.

VINAY, Jean-Paul & DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics on French and English**. A methodology for translation. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1995 [1958].

WALSH, María Elena. Historia de una Princesa. In: **Cuentopos de Gulubú**. Buenos Aires: Alfaguara, 2000 [1966]. p. 19-23.